

**ONDE O DIABO AGIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA  
SEGUNDO A IGREJA CATÓLICA NA PRIMEIRA METADE  
DO SÉCULO XX.**

Flamarion Laba da Costa  
Departamento de História  
UNICENTRO - Guarapuava/PR  
UEPG - Ponta Grossa/PR

**Resumo.** As primeiras décadas do século XX representaram, para a Igreja Católica no Brasil, uma busca pelo resgate da sua importância na sociedade enquanto religião da maioria da população brasileira. Essa busca teve origem na mudança do regime político em 1889, quando foi instalada a “República Brasileira”, que decretou a separação entre Estado e Igreja. Essa desvinculação instalou a liberdade religiosa, sendo que, a partir de então, todas as crenças ficaram em pé de igualdade, fato esse inaceitável para a hierarquia católica. Para combater as outras crenças, que considerava como heréticas e não verdadeiras, a Igreja Católica passou a acusá-las de práticas demoníacas, elegendo como alvo principal o Espiritismo, no qual identificava a participação do demônio.

**Palavras-chave:** Religião, Espiritismo, Catolicismo

**Abstract.** The first decades of the 20<sup>th</sup> century represented, for the Catholic Church in Brazil, an attempt to regain its importance in society as the religion of the majority of the Brazilian population. This attempt took place when there was a change in the political regime in 1889, when the “Brazilian Republic” was established, a fact which resulted in the divorce between State and Church. This separation produced religious freedom, which equated all creeds,

an unacceptable fact for the Catholic hierarchy. In order to fight the creeds which it regarded as heretical and untrue, the Catholic Church began to accuse them of performing demoniacal practices, the main target being Spiritualism, in which it would identify the active participation of the devil.

**Key-words:** Religion, Spiritualism, Catholicism

### **Introdução**

A prática da religião ou as manifestações de religiosidade aparecem implicitamente incorporadas nas sociedades, abrangendo pessoas de todas as classes sociais como crentes de um determinado conceito doutrinário.<sup>1</sup>

No Brasil, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, várias religiões se instalaram, criando preocupação para a mais antiga e oficial que era a Igreja Católica, que procurou preservar seu espaço de religião com maior número de adeptos entre a população brasileira. Dentre essas religiões que aqui se instalaram, estava um novo conceito filosófico que era o Espiritismo, que logo despertou grande preocupação das autoridades da hierarquia católica.

Entre essas duas doutrinas religiosas estabeleceu-se um confronto em vários campos como o político, médico e judicial, tendo todos como base principal a questão doutrinária, a partir da qual, formulou-se o conceito de – outro – ou a visão que se construiu sobre a adversária, quando se procura anular o discurso da contrária.

A visão e o debate que se estabeleceram acompanharam as alterações políticas ocorridas no Brasil no final do século XIX, onde espíritas e católicos construíram um discurso de defesa de suas prerrogativas e, ao mesmo tempo, de ataque ao oponente.

---

<sup>1</sup> O artigo tem como referência as pesquisas realizadas sobre “História das Religiões”, no nosso Mestrado e Doutorado, quando abordamos o Espiritismo e o Catolicismo.

## O que perturba e como combater

Segundo os princípios católicos, o Espiritismo foi qualificado como heresia por representar um desvio doutrinário e como tal foi julgado.

Identificou-se, assim, um grande perigo e uma ameaça que tinham que ser encarados e, se possível, anulados para que não provocassem dúvidas nos meios católicos, podendo produzir questionamentos e interpretações errôneas no próprio seio da Igreja, quanto à sua autoridade e pregações seculares.

Para isso caberia às autoridades eclesiásticas combater as organizações que considerassem como nocivas e perigosas, usando inclusive do tribunal do Santo Ofício. Nessa tarefa de combater o Espiritismo, que também pode ser interpretada como defesa da sua instituição, a Igreja Católica lançou mão dos seus códigos oficiais e tradicionais como: documentos pontifícios, pastorais dos bispos e o Código de Direito Canônico, usados já há alguns séculos para eliminar, em diferentes épocas, grupos que procuraram agir de forma como agora estavam se comportando os espíritas.

Assim, os espíritas, por enfrentarem com idéias novas a religião mais poderosa e tradicional, foram qualificados e acusados de práticas de *heresia*.<sup>2</sup> Qualificados como tal, e por contrariarem e afrontarem uma instituição *divina*, só podiam estar inspirados e auxiliados por uma entidade que se dedicasse desde o início dos tempos ao mal e a afrontar a Deus: este seria o *diabo*. A figura do diabo foi popularizada. Embora sempre se tenha acreditado na sua existência, mesmo antes do cristianismo, o uso, divulgação e temor desse ser tenebroso se intensificaram na Idade Moderna, a partir do final do século XV, quando representações teatrais e publicações favorecidas pelo advento da imprensa tornaram-no mais conhecido, bem como os malefícios por ele causados (DELUMEAU, 1989, p. 247).

Ainda segundo esse autor:

Essa angústia atinge seu apogeu no momento em que a secessão protestante provoca uma ruptura aparentemente sem remédio. Os dirigentes da Igreja e do Estado encontram-se mais do que

---

<sup>2</sup> Para esse conceito de heresia, ver: Michel Foucault, *A Ordem do Discurso*; Pierre Bourdieu, *A Economia das trocas lingüísticas*

nunca diante da urgente necessidade de identificar o inimigo. Evidentemente, é Satã que conduz com fúria seu derradeiro grande combate antes do fim do mundo. Nesse supremo ataque, ele utiliza todos os meios e todas as camuflagens. É ele que faz os turcos avançarem; é ele que inspira os cultos pagãos da América; é ele que habita o coração dos judeus; é ele que perverte os heréticos; é ele que, graças às tentações femininas e a uma sexualidade há muito tempo considerada culpada, procura desviar de seus deveres os defensores da ordem; é ele que, por meio de feiticeiros e sobretudo de feiticeiras, perturba a vida cotidiana enfeitando homens, animais e colheitas.

O temor estava nos tormentos eternos a que seriam submetidos aqueles que tivessem a desgraça de cair nas garras do diabo. Para os fiéis, a Igreja Católica é uma instituição divina: *a Casa de Deus*, fundada por seu filho, que também foi tentado pelo demônio, sem êxito. Essa religião representa a continuidade das pregações de Cristo e é o único refúgio seguro contra a figura do demônio. Mas o demônio também acompanhou os navegantes ibéricos para as novas terras e o Brasil não conseguiu livrar-se dele. Segundo (SOUZA, 1993, p. 30), “Com a cristianização homogênea do Velho Continente...o diabo se mudara para o Novo.” Desta forma os evangelizadores católicos e protestantes passaram a identificar em muitos rituais indígenas, práticas demoníacas.

Mantida esta norma de identificá-lo em todas as ações consideradas não cristãs, portanto contrárias às normas da Igreja, o diabo foi mantido na sua condição e importância para a perdição e assassinato das almas daqueles que resolvessem voltar as costas para a divina instituição.

Ao contrapor as acusações de diabolismo e bruxaria, os espíritos buscavam ridicularizar o inferno e seus personagens questionando onde ficava tal lugar e quem era e o que era o *diabo*.

A refutação espírita do diabo se manifestava na ridicularização dessa abordagem e na acusação do uso pela Igreja desse personagem para combater o progresso do homem em todos os campos. “O diabo é sempre invocado pelo catolicismo para combater as idéias que não vêm de [sic] encontro à sua teoria preconcebida. Arma poderosa nas mãos dos padres para iludir os papalvos, o diabo, qual talismã fatídico, tem

entravado a marcha célere da Verdade que guia os homens para a conquista da civilização” (SCHUTEL, 192-, p. 8).

Em território brasileiro, o Espiritismo terá uma conotação mais religiosa que filosófica e científica. Essa conotação religiosa, que caracteriza o Espiritismo no Brasil, levou dirigentes e leigos católicos a encarar seus adeptos como hereges dados a práticas demoníacas em suas reuniões.

A preocupação com a presença de outras religiões em território brasileiro manifestou-se desde o século XVI. Se, no início, essa preocupação era contra judeus e reformados, também puniam-se as distorções produzidas nos meios populares por aqueles que apregoavam serem detentores de poderes especiais para ver e ouvir santos ou almas, bem como para se deslocarem para locais distantes e fazer previsões.

Contra os primeiros, pagãos e hereges, e os outros, feiticeiros e bruxos, vinham já da Europa determinações e códigos punitivos para depurar e coibir qualquer prática religiosa ou comportamental que não se coadunassem com os princípios católicos. Essas práticas eram motivo de preocupações tanto para autoridades civis como eclesiásticas, e os casos levantados em território brasileiro foram julgados e punidos em Portugal, o que criou um vácuo de documentação sobre essas práticas no período colonial (SOUZA, 1986, p. 15).

As questões de crença do período colonial, que ocorreram paralelamente aos confrontos religiosos europeus, fizeram com que o plano doutrinário ocupasse amplos espaços na sociedade daquela época, influenciando em todos os seus setores. (SOUZA, 1993, p. 22). A posição de destaque e poder da Igreja Católica, na sociedade brasileira, sofrerá pequena influência na adoção do padroado no Império. Já a República, principalmente no seu início com a separação, procurou suprimir esse poder, o que só ocorreu em termos oficiais, na esfera do governo, e não na sociedade como um todo.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O final do século XIX assinalou para o Brasil a mudança de regime político institucional, passando de Monárquico para Republicano em 15 de novembro de 1889. Esta mudança de regime político afetou também, a situação *-religiosa -* ocasionando a separação ou a desconstitucionalização do catolicismo da condição de religião oficial no Brasil. Como resultante desta separação, a Constituição de 1891, ao desvincular Estado-Igreja implantou a liberdade de pensamento, o que incluía as práticas religiosas, possibilitando uma maior expansão para as religiões que aqui já se encontravam e a vinda de novos credos.

Mesmo assim, as autoridades eclesiásticas passaram a demonstrar grande preocupação com a liberdade propiciada a todas as religiões e, para enfrentá-las, desenvolveram um trabalho que aliava esclarecimento, ataque e crítica aos credos não católicos.

Como religião com maior número de adeptos, o Catolicismo usaria de todos os meios disponíveis para preservar seus fiéis de todo o perigo, mostrando-lhes os erros das outras e suas virtudes e santidade, sempre exaltando a condição de única, verdadeira, fiel pregadora e mantenedora das verdades e da fé do cristianismo. Aliado a essa preocupação, fica claro o objetivo de manter-se o Catolicismo como a religião do povo brasileiro e assim garantir seu poder e espaço na conjuntura social do país.

Nesse contexto, ele encontrará outra religião, o Espiritismo, com o qual demonstrará especial preocupação. Preocupação essa já presente na segunda metade do século XIX, quando o Espiritismo tornou-se alvo de ataques por parte da Igreja Católica, que usou dos meios disponíveis como pastorais, artigos de jornais e púlpito, apregoando o perigo que ele representava para todos: “O desenvolvimento do Espiritismo no Brasil justamente depois de 1876, tornou-se alvo de ataques da Igreja. Pastorais, sermões, artigos em jornal atacaram a doutrina espírita como falsa, ilusória, herética e perigosa tanto para a fé como para a saúde mental” (SILVA, 1993. p. 196).

É essa pregação que envolverá denúncias dos malefícios causados pelo Espiritismo, como loucura, homicídios, suicídios, exploração da credulidade do povo, alerta às autoridades policiais, além, é claro, dos malefícios causados pela doutrina, com suas práticas espíritas supostamente heréticas, apóstatas e demoníacas.

A primeira atitude tomada pela hierarquia católica perante o Espiritismo foi a de identificá-lo no quadro das religiões. A partir dessa identificação, procurou qualificá-lo como resultante das idéias liberalizantes do século XVIII e aproximá-lo dos movimentos reformistas do século XVI, apresentando-o, ainda, como fruto do seu desdobramento.

Como o Espiritismo também pregava a liberdade de pensamento e surgia com uma nova interpretação de parábolas bíblicas, logo foi associado ao Protestantismo, que pregava a livre análise da Bíblia. Como

os protestantes, os espíritas também passaram a ser considerados hereges e como tal também seriam tratados no território brasileiro.

Como o Protestantismo tinha provocado grandes transtornos para a Igreja Católica desde o sucesso da Reforma, a partir do século XVI, toda e qualquer nova ameaça ou crença que surgisse e mostrasse condição de expansão - pelos atrativos que apresentasse e pregasse - era logo identificada com aquelas que há muito preocupavam.

Essa identificação facilitava a pregação, que usava, analogicamente, exemplos e discursos contra os desvios doutrinários dos tempos modernos, que eram tidos como eficientes e foram se repetindo nos últimos séculos. Só que, pela nova conjuntura política apresentada pelo Brasil, esses discursos não causariam tanto impacto, pois o Catolicismo já não era a religião do Estado e, portanto, a pregação teria que se restringir ao trabalho dos clérigos e leigos defensores da Igreja.

No Brasil, a discussão com os espíritas tomaria outra dimensão, visto que aqui o Espiritismo se transformaria em religião e encontraria, junto à população de todas as classes, uma adesão e aceitação que fariam a hierarquia católica demonstrar grande preocupação e procurar de todas as formas impedir que católicos tivessem contato com essa heresia.

A preocupação com o Espiritismo no Brasil reporta-se às últimas décadas do século XIX. Frei Boaventura Kloppenburg, o maior polemista católico contra os espíritas, com uma atuação destacada nas décadas de 1950 e 1960 afirma que "...desde seus inícios, o Espiritismo nacional acentua o lado religioso, com caráter reformista e sectarista no campo moral e religioso e apresenta o aspecto curandeirista" (BOAVENTURA, 1960, p. 15).

Ao abordar a expansão do Espiritismo em território brasileiro, Kloppenburg se baseia em notícias da imprensa publicadas no século XX. Ao citar as primeiras publicações espíritas no Brasil, lembra que o jornal "Novo Mundo", publicado no Rio de Janeiro, noticiou que "...O Sr. B. L. Garnier, que, cedendo às instigações de interessados, ou não pensando assaz o mal que com a sua condescendência poderia fazer, tem dado a estampa os devaneios de Allan Kardec, famigerado apóstolo do Espiritismo e responsável por tantos e tão lamentáveis desarranjos mentais" (Ibid., p. 16). Caracteriza-se, nesse comentário, a associação que já se fazia do Espiritismo com danos na mente das pessoas.

Para o mesmo frei, os espíritas, desde os primeiros anos, procuraram justificar as suas ações pela oposição anticatólica das suas publicações. *O Apóstolo*, publicação católica, em edição de 18-05-1883, comentava a decisão dos espíritas em pedir registro como religião, e afirmava: “Já estamos no tempo de instituir-se uma religião como qualquer sociedade de recreio: é só fazerem-se os estatutos, nomear-se o chefe e toca a casar e batizar e exercer todos os atos de religião. É já progresso e muito tem andado a humanidade com o auxílio do Espiritismo” (Ibid., p. 17).

Observa-se que, desde o início, o objetivo principal do discurso era o de desacreditar o Espiritismo. Também era comum que os autores católicos procurassem buscar o motivo pelo qual o espiritismo havia sido favorecido na sua expansão. O mais prolixo de todos é Frei Boaventura, que cita trinta e oito fatores como causas da expansão espírita: 1) O prurido da propaganda; 2) O prazer no exercício da mediunidade; 3) A facilidade de abrir centros; 4) Prestígio social do chefe; 5) Liberdade de cultos; 6) Peculiaridades do nosso povo; 7) A massa do sangue negro; 8) O catolicismo folclórico; 9) O contato direto com o mundo dos espíritos; 10) A atração do misterioso; 11) A garantia contra todos os males; 12) A curiosidade; 13) O livro espírita; 14) As revistas espíritas; 15) Propaganda pela palavra falada; 16) Espiritismo pelo ar; 17) O entusiasmo da mocidade; 18) A Cruzada dos Militares Espíritas; 19) A maçonaria; 20) A justiça absolve e elogia; 21) A complacência dos governantes; 22) As subvenções; 23) Você é médium: precisa desenvolver-se; 24) Exploração da credulidade; 25) O esperanto; 26) O curandeirismo; 27) A saudade dos mortos; 28) Ostentação da caridade; 29) Aparências científicas; 30) Nomes retumbantes; 31) Fachada cristã; 32) O nome dos santos; 33) Deslealdade; 34) Menstras; 35) O espírito consolador; 36) Religião mais cômoda; 37) Mentalidade mágica; 38) Falta de ação clara e uniforme da parte do clero (Ibid., p. 32-39). Ele explica com detalhes cada uma das suas afirmativas, justificando o porquê do crescimento tão rápido do Espiritismo no Brasil. Frei Boaventura também alerta para a propaganda organizada, chamando a atenção para o item sete, no qual alega que o elemento negro é muito suscetível para a troca de religião, passando muito rápido da religião para a superstição, a magia e culto dos espíritos.



Já nos chamados grandes centros, o envolvimento com outras religiões, como o Espiritismo, preocupava as autoridades eclesiásticas. Se aí não encontramos um plano de ação coordenado e doutrinariamente específico, as publicações que vêm a público mostram um discurso em que se buscava desacreditar e associar o Espiritismo a magias, bruxarias, crenças afro e problemas mentais.

Identifica-se, nesse tipo de abordagem, o discurso cujo escopo maior é assustar e atemorizar - e não esclarecer – a população.<sup>4</sup> Para atingir seu objetivo, associava-se o Espiritismo ao diabo, acentuando, também, as penas eternas a que ficariam sujeitos aqueles que entrassem em contato com esse culto satânico ou que a ele se convertessem e o frequentassem.

Afirmava-se, ainda, que a perdição estava com o Espiritismo e a salvação com a Igreja Católica Apostólica Romana.

Em obra de BENTO (1918, p. III), encontramos: “É um fato. O espiritismo grassa como epidemia funesta por todas as classes sociais do Brasil. É uma calamidade social, mil vezes mais perigosa do que as 10 pragas do Egito! Tem sido, é certo, vigorosamente combatida essa abominável seita, mas não deixou por isso de continuar a seduzir inumeráveis incautos.” Alertava ainda o autor sobre a autoridade e legalidade da hierarquia da Igreja,

De um lado estão todos os Senhores Bispos do Brasil, sentinelas de Israel, que, no dizer de São Paulo, o Divino Espírito Santo colocou à frente das respectivas Dioceses para instruir, apascentar e reger essa porção do rebanho de Jesus Cristo. E com os Bispos do Brasil estão os de todo orbe católico, de pleno acordo com o Papa e com inumeráveis homens eminentes em todos os ramos das ciências.

---

<sup>4</sup> Frei Boaventura Kloppenburg, fará na década de 50 várias críticas sobre a falta de esclarecimento do próprio clero para melhor combater a heresia espírita. Sobre esse assunto consultar artigos na Revista Eclesiástica Brasileira, da década de 1950 e início da de 1960.

Do outro lado estão esses doutores improvisados dos discípulos do fanático Allan Kardec, que codificou as patranhas sugeridas pelo seu guia familiar no intuito de destruir pela base a Igreja

Católica, apostólica, romana (Ibid, p. V).

Bento deixa claro que sua obra tem por fim “*guerrear o espiritismo brasileiro*”, que vem abusando da “...ingênita bondade do religioso povo desta abençoada terra de Sta. Cruz” (p. VII).

A abordagem do Espiritismo nas primeiras décadas do século XX deixa explícita no seu contexto a *guerra* que deveria ser estabelecida em defesa do Catolicismo. Na busca de manter o discurso agressivo e deploratório, procurava-se ilustrá-lo com analogias a animais, “O espiritismo é a seita mais ímpia que existe neste mundo. Fugi dela, ó leitores, assim como o homem dos campos foge da jararaca preguiçosa” (PIEDADE, 1913, p. 18).

A obra mostra a colaboração dos leigos com o clero e segue a mesma linha discursiva, recebe a aprovação e é recomendada por dois bispos.<sup>5</sup> E, numa tentativa de denegrir o Espiritismo, faz uma citação que, nos dias atuais, soaria como racismo, mas que na época, próxima ainda da escravatura, deveria soar como plenamente aceitável e exemplificativa: “Espiritismo e feitiçaria é a mesma cousa, e o homem branco que cai na esparrela das sessões espíritas, nivela-se ao negro mina boçal, atracado aos manipanços, para obter prodígios, com os cangerês” (Ibid., p. 18).

E prosseguindo no seu ataque, volta a citar a questão da cor, quando justifica que aqueles que estão próximos de Deus são claros. “Deploro não ter uma pena cem vezes mais afogueada, para causticar, com ferro em brasa, esse cancro execrando, que se alastra sorrateiramente, talando com impiedade a seara alourada de nosso Deus” (Ibid., p. 19). Na época, como nas décadas seguintes, era comum relacionar o Espiritismo com antigas crenças pagãs e com as bruxarias medievais. “Os conventículos espíritas de hoje em que se diferenciam das consultas aos

---

<sup>5</sup>A aprovada pelos Bispos D. Silvério Gomes Pimenta bispo de Mariana e D. Eduardo Duarte Silva bispo de Uberaba.

Oráculos da antiga magia? - Poder-se-ia dizer que apenas em terem os oráculos templos suntuosíssimos, enquanto as sessões e consultas espíricas de hoje se celebram em salinhas e quartos, tais, às vezes, que os mesmos por decadência e higiene, não deveriam estar abertos” (MARTIN, 1911, p. 31).

D. Antonio Mazzaroto, bispo de Ponta Grossa, em sua Pastoral de 1932, alertava: “Levantemos, pois, a nossa voz, que tomara chegasse aos ouvidos e corações de todos, contra esta magia que através dos séculos várias denominações tomou e sob diversas formas se manifestou, e que nos tempos que correm, revestindo-se à moderna, recebeu o nome de espiritismo” (p. 4).

O padre Julio Maria, em 1938, também alertava: “Católicos! Fugi da praga espírita! Fugi e nunca permitais que escritos espíritos penetrem em vossos lares. Nunca, por nenhuma razão, assistai a sessões espíricas... Guerra a esta praga, para preservar a nossa sociedade, como para conservar o equilíbrio mental das pessoas que nos são caras” (p. 23).

O jesuíta mexicano HERÉDIA (1949, p. 15) procura, nas suas obras, desmascarar o Espiritismo, analisando seus fenômenos através da psicologia e metapsíquica. Faz uma abordagem abrangente sobre o problema da bruxaria:

...as Bruxas, em razão de seu pacto com o diabo, eram dotadas dos seguintes poderes, que exerciam a vontade por meio de ensalmos: 1) transformar-se a si mesmas e outros em diversos animais tais como lobos, gatos pretos, ratos, etc. 2) Produzir tempestades, raios chuva de pedras, etc., tanto na terra como no mar. 3) Causar doenças tanto nos homens como nos animais, pondo-lhe mau olhado e por outros processos. 4) Excitar as paixões por meio de filtros e beberagens. 5) causar a morte daqueles a quem amaldiçoavam ou enfeitiçavam. 6) podiam também tornar-se invisíveis por meio de unguentos mágicos que o diabo lhes proporcionava. 7) Ir ao Saba na noite de sexta-feira para sábado, voando pelos ares montadas em cabos de vassoura, em feixes de vara, ou em demônios disfarçados em cabritos ou noutros animais em moda. 8) Boiar de mãos e pés amarradas, envoltas numa manta. 9) Manter insensível a parte do corpo em que Satanás, no

dia da iniciação delas, as havia marcado, não sentindo nela dor alguma, por mais que as espetassem.

Padre Herédia, nessa abordagem, coloca os médiuns espíritas como sucessores das bruxas medievais e modernas, e a citação abaixo é bem elucidativa:

A especialidade daquelas infelizes fora a produção de trovões, relâmpagos e raios, ou a propagação do carbúnculo, da ronha e de outras doenças, produzindo a domicilio tempestades e epidemias; assim, quando foi descoberto o embuste, elas foram para o olho da rua, com a loja fechada e a freguesia dispersa. Mas, como vaso ruim não quebra, e os Babilônicos modernos, que tanto abundam, não se deram por vencidos, como por vencidos não se deram seus gloriosos antepassados, bem depressa apareceu o novo broto da Bruxomania: o Espiritismo. E às bruxas sucederam os médiuns, e as Peneiras e Cabos de Vassoura foram substituídos cientificamente pelos Pandeiros, Trombetas, Mesas e Cadeiras dançantes, e por outros trambolhos usados nas nossas modernas Sessões (Ibid .,p. 28).

Como as bruxas eram associadas a práticas demoníacas, da mesma forma, por analogia, os espíritas eram tidos como praticantes de culto ao diabo e o Espiritismo era encarado como uma seita diabólica. Assim, na primeira metade do século XX, a abordagem mais comum para combater a expansão do Espiritismo em território brasileiro foi associá-lo à prática de bruxaria e contato com o demônio. Desenvolveu-se, assim, um discurso que, em seu contexto, buscava atemorizar, aterrorizar e mostrar as conseqüências danosas para aqueles que tivessem contato ou participassem das sessões espíritas. Observa-se que o alerta aos fiéis e ao povo em geral tinha um sentido essencialmente repressivo, porquanto se buscava afastar as pessoas do Espiritismo pelo pavor e medo e não pelo esclarecimento a respeito dos motivos pelos quais não se deveria frequentá-lo.

Já na década de 1950, o combate se torna mais organizado e o trabalho de alerta e esclarecimento adquire um padrão teórico doutrinário alinhado com as determinações da CNBB, que surgiu naquela década.

Mas, retornando à questão diabólica, há que se perguntar como pode e como age o demônio no ser humano. Pode o homem invocar a sua presença? Por que e como se comprova que o Espiritismo atrai o diabo para atormentar os homens? A resposta ao questionamento formulado encontra-se no discurso dos religiosos e leigos, que escreveram sobre a questão da presença do diabo no Espiritismo. Em inúmeras publicações, em revistas doutrinárias, pastorais e livros, eles explanaram e explicaram suas teorias sobre a influência e participação do diabo nas práticas espíritas. Nota-se que os autores buscavam a origem dessas práticas e a participação do demônio na vida do homem desde a sua criação. Assim, Eva teria sido o primeiro ser humano iludido por um médium a serviço do demônio e Adão e Eva o primeiro casal que não resistiu à prova a que foi submetido, transmitiu para as gerações futuras a degradação, o erro e o pecado. O contato de Eva com a serpente, portanto, representou, segundo BENTO (1918, p. 7-8):

...o primeiro caso de espiritismo, que houve no mundo, e no qual serviu de primeiro médium uma serpente. Foi por meio desse animal astuto, que o demônio falou a Eva, assegurando-lhe mentirosamente, que, embora comessem do fruto vedado, não morreriam, antes ficariam sendo como Deus, com a plenitude de todas as ciências. Isto prometeu então o pai da mentira; isto promete ele hoje enganando a inumeráveis filhos de Adão. É pois do demônio, é Satanás - esse espírito soberbo, esse Lúcifer rebelde o verdadeiro autor do Espiritismo.

Esse autor é também adepto da teoria de que Deus se utiliza do demônio para testar os homens e assim observar os bons que resistem ao

---

<sup>6</sup> Sobre este personagem bíblico consultar o Velho Testamento. (O Livro de Jó, 42:1-22).

pecado e os maus que se deixam levar por ele. Como a vida do universo está sob a regência de Deus, pode ele segundo sua vontade permitir que o demônio venha a ter contato com os homens para tentá-los. O exemplo mais citado é o de Jó, que mesmo sofrendo as piores provas, suportou-as e superou-as, mantendo sua fé e a esperança.<sup>6</sup>

Encontra-se, em vários autores, a busca de uma forma de comprovar que todas as ocorrências em sessões espíritas são manifestações demoníacas, embuste, histerismo, loucura etc. Para tanto, é freqüente a adoção do discurso para denegrir, ridicularizar e atemorizar, tal como o faz PIEDADE (1913, p. 19):

O espiritismo é o volvo mais amarelento e azedo, que o bucho do demo vomitou sobre a superfície da terra, para abolar as inteligências, disso é que provem os desvarios e loucura dos filiados, que andam a enxergar espíritos por todos os cantos e recantos, tornando-se uns fanáticos insuportáveis, verdadeiros trambolhos sociais, e hóspedes obrigados dos hospícios.

Para o padre JULIO (1938), o homem pode aderir ao demônio de forma *implícita* ou *explícita*, explica que isto ocorre:

No primeiro caso, o médium tem consciência plena e completa do que faz, sabendo a quem se dirige, o que deseja obter e o que promete em troca. É um verdadeiro *pacto diabólico*. No segundo caso, a vontade do *médium* dirige-se, em geral, sobre o poder capaz de dar-lhe o que deseja, invoca diretamente o príncipe do mal, mas também sem excluí-lo formalmente: quer apenas ver o seu desejo satisfeito, seja como for.

Afirma ainda que: “O fim do demônio é perder as almas. Ora, ele encontra no espiritismo um instrumento, de modo que o grande chefe, o chefe supremo do espiritismo é o próprio Satanás.” Segue o autor, na sua crítica, afirmando que o homem:

Não querendo a Verdade, adota o erro.  
Não querendo Deus, recorre ao demo.

Não querendo os vivos, invoca os mortos.  
Não querendo a seriedade, procura a palhaçada.  
No espiritismo há tudo isto (Ibid., p. 7).

Também essa visão diabólica era adotada por membros da hierarquia da Igreja Católica. D. FRANCISCO (1913, p. 66), afirmava que: “Não é preciso profunda análise desses fenômenos, para reconhecer sua procedência infernal.” Reforçando a sua teoria: “Mais de uma vez Deus o tem forçado a se desmascarar em reuniões espíritas. E ele disse então claramente: Eu sou o diabo, e sou aquele que é sem amor; eu estou no inferno, e para sempre” (Ibid., p. 67). E adotando maior agressividade na sua abordagem, afirma que “Esse espírito torcionário e algoz, esse espírito vil, enganador, mentiroso covarde e cruel, tem nome na teologia católica: chama-se diabo. Para esses pelo menos, não compreendo, como um espírita de boa fé (se os há) não os reconhece. Pois é bem ele” (Ibid., p. 70).

Outro bispo que adota esse tipo de discurso é D. ANTONIO (1932, p. 8) que alertava os fiéis que “A revivescência moderna da magia antiga sob a forma de espiritismo indica, portanto, o retrocesso de muitos para o culto do demônio, para as praticas pecaminosas proibidas do paganismo, as quais, reprovadas pela Religião cristã, desapareceram de todo nos que aderiram integralmente aos ensinamentos.” Ainda na mesma Pastoral, volta a focar o lado diabólico afirmando, “...embustes habilmente urdidos para enganar os pascacios e as restantes, enfim, são obras do demônio, ainda que não pareçam tais, pois sabe dissimular-se o torvo espírito das trevas e fingir-se alma do outro mundo, para por este meio chasquear dos homens e destruir-lhe a fê e a moral” (Ibid., p. 9).

Observa-se que é comum a todos os adeptos da teoria da paternidade diabólica do Espiritismo tratar a figura do demônio como um ser horroroso, tanto na aparência quanto nas suas atitudes, que são as mais sórdidas possíveis. Um ser com tais atributos nada poderia produzir além da desgraça e da perdição: faz-se, então, a conseqüente ligação do feio e horripilante com a maldade, visto que os anjos e santos de bondade próximos de Deus foram sempre representados envoltos em auréolas alvas e iluminadas, enquanto que o demônio, pela sua forma *abjeta e horrorosa*, procura a penumbra e as trevas para esconder-se e praticar o mal. Assim,

frases como: “Procedem do poderoso e sanhudo espírito das trevas os fenômenos preternaturais do espiritismo” (Ibid., p. 12), são adotadas como exemplificativas.

O Espiritismo, fazendo-se presente em território brasileiro a partir da segunda metade do século XIX, angariou, com seu trabalho filantrópico e doutrinário, significativo número de adeptos e, por envolver pessoas de diferentes níveis sociais, logo despertou a preocupação das autoridades eclesiásticas católicas que, como na Europa, passaram a tratá-lo como uma heresia *bruxulenta-diabólica* e encontraram nessa teoria a melhor forma de combatê-lo e denegri-lo, atingindo e amedrontando seus adeptos.

O P. BENTO (1918, p. 199) é claro nessa abordagem quando afirma que “Os nossos pobres espíritas são possessos, como os do Evangelho, e como aqueles subjugados por espíritos imundos. Eu tenho para mim que esses infelizes n’outras condições seriam homens de bem; fascinados, porém, pelo espírito maligno tornam-se mentecaptos e perdem o simples bom senso.”

Para o padre NEGROMONTE (1949, p. 115), “...mesmo quando o espiritismo toma aparências boas e pratica algum bem material, é ainda o demônio que o dirige: - para melhor acreditá-lo. Assim conseguirá enganar o maior numero e com mais facilidade.”

A abordagem diabólica serve tanto para explicar o mal como o bem, pois mesmo na prática de boas ações identifica-se a intervenção disfarçada do demônio. Mesmo nos fenômenos das materializações de espíritos enxergava-se a intervenção do demônio. Nessa visão, o demônio só se manifesta com a autorização de Deus, que se serve dele “...como ministro da sua justiça, quer para provar os bons, quer para punir os maus” (BENTO, 1918, p. 7).

Além da explicação para a participação do diabo no Espiritismo, encontravam-se justificativas para explicar a existência dos seus adeptos e por que Deus permitia as suas ações. “Se todos os homens fossem bons e honestos, não haveria nem charlatães, nem pândegas, nem exploradores; porém Deus permitiu - talvez para romper a monotonia da vida - que, ao lado da gente séria, trabalhadora, honesta e honrada, houvesse a gente boêmia, cavadora, papalva e mistificadora” (JULIO, 1938, p. 10). O mesmo autor afirma ainda que: “O mundo quer ser enganado... Ah! se eu



fosse espírita, ou pastor protestante, ou cartomante, faria um negócio... de uns 100 contos por ano” (Ibid., p. 101). E, continuando na sua crítica de desacreditar o Espiritismo: “Pobre espiritismo! Fosse eu pintor representa-lo-ia num quadro alegórico: Um palhaço, chorando, faca entre os dentes, e fazendo palhaçadas com os pés e as mãos” (Ibid., p. 102).

Dentro dessa linha, é comum que se façam analogias de passagens bíblicas, nas quais o demônio aparece para atentar as pessoas, sendo expulso várias vezes pelo próprio Cristo. Uma dessas passagens é a seguinte:

Indo Jesus caminhando perto da praia e vendo um pobre homem, a quem o demônio atormentava horrivelmente ordenava ao espírito imundo que deixasse o homem. Recusava-se o demônio a sair e com humildes preces suplicava, que o não obrigasse. Então Jesus perguntou-lhe. Que nome é o teu? E ele respondeu: Legião; porque não era um só demônio, mas muitos demônios, uma falange de demônios, os que haviam entrado naquele infeliz.

Vendo pois aquela falange de espíritos imundos que não tinham remédio, se não largar a presa, por muito favor pede a Jesus licença para entrar num bando de porcos, em vez de os obrigar a irem para o abismo.

E Jesus fez esse favor aos amigos do Espiritismo (BENTO, 1918, p. 67).

O mesmo autor compara o Espiritismo a uma ave agourenta:

O espiritismo é como o corvo, ave repelente e agourenta, que se cobrisse com as encantadoras penas do pavão, para desta forma disfarçado enganar aos que só se fixam nas aparências. E o que exatamente se dá com o diabólico espiritismo. Para seduzir enfeitasse com as plumas do pavão - meras aparências do Cristianismo” (Ibid., p. 205).

Nessas abordagens, como no caso da serpente - já citada como a primeira médium a entrar em contato com um ser humano - animais considerados como feios, agourentos, traiçoeiros e sujos são associados ao demônio e aos seus asseclas que seriam os espíritas.

Com essa convivência e a conseqüente influência, o demônio provocava um debilitamento e enfraquecimento espiritual e físico nos participantes das práticas espíritas. Os efeitos físicos eram mais visíveis e comprováveis que os espirituais.

### **Considerações finais**

Observa-se que, para a primeira metade do século XX, a Igreja Católica emprega um discurso ao mesmo tempo agressivo e assustador contra o Espiritismo. Esse discurso católico buscava suscitar o medo, o pavor e as conseqüências que o contato com a *heresia diabólica* podia provocar. Identifica-se que a pregação católica não buscava explicar o porquê os fiéis não deviam aproximar-se do Espiritismo ou esclarecer, pela via doutrinária, onde estava o erro da crença combatida. Simplesmente, ela era *coisa do diabo*.

O contato das pessoas com essa *coisa do diabo*, além dos danos físicos, como a loucura, teria também conseqüências para a alma, que corria o risco de padecer eternamente no inferno.

Com tal previsão de danos físicos e espirituais, sendo o segundo o pior, criava-se um clima de terror e medo, o que não impediu o crescimento e estruturação do Espiritismo e outros inúmeros conceitos doutrinários religiosos.

Fracassou o combate à heresia espírita?

Numa análise quantitativa do número de profítes do Espiritismo, pode-se dizer que sim, mas, por outro lado, isso não representou a queda do Catolicismo, que continuou como a religião com o maior número de adeptos. Deduz-se portanto, que havia espaço para todos os conceitos religiosos que se instalaram, mas que, para a hierarquia católica, representavam coisa maléfica da criatura das trevas - *o diabo*.

### **Referências**

ANTONIO, Dom. Carta Pastoral. *A magia espírita*. Curitiba: Typographia A Cruzada, 1932.

BENTO, Padre. *Catecismo anti-espírita*. São Carlos: Typ. Artística, 1918.

BOAVENTURA, Frei. *O espiritismo no Brasil: orientação para os católicos*. Petrópolis: Vozes, 1960.

DELUMEAU, J. *História do medo no ocidente (1300-1800)*. Uma cidade sitiada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

FRANCISCO, Dom. *O espiritismo*. Bahia: Typographia S. Francisco, 1913.

HEREDIA, C. M. *As fraudes espíritas e os fenômenos metapsíquicos*. Petrópolis: Vozes, 1949.

JULIO, Padre. *Os segredos do espiritismo*. Petrópolis: Vozes, 1938.

MARTIN, A. *O espiritismo em si e nas suas relações*. São Paulo: Typographia da Ave Maria, 1911.

NEGROMONTE, P. A. *O que é o espiritismo*. Rio de Janeiro: Editora Santa Maria, 1949.

\_\_\_\_\_. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

PIEDADE, J. da. *Ao rei dos morcegos*. São Paulo: A Campos, 1913.

SCHUTEL, C. *O diabo e a igreja em face do christianismo*. 3. ed. Mattão: Oficinas d' O Clarim. [192-].

SILVA, E. M. *Vida e morte: o homem no labirinto da eternidade*. Campinas, 1993. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Estadual de Campinas.

SOUZA, L. de M. e. *Inferno atlântico*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.